

CRIANÇAS NOSSAS: A MATERNIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

Denise Targino Villar

Universidade Federal do Pará -Campus Altamira

denise.targino@hotmail.com

Resumo

As turmas de educação do campo apresentam um número expressivo do feminino e neste cenário de sala de aula contamos com a presença das crianças que as mesmas trazem pois encontram dificuldade com quem deixar as crianças .São crianças de idade variadas inclusive recém nascidas .Estas mães com suas crianças enfrentam obstáculos diversos para poder ter acesso ao ensino superior .Considerando que o Curso de Educação do Campo tem uma dinâmica diferenciada dos chamados cursos regulares pois o mesmo se organiza em dois tempos intitulados Tempo Comunidade e tempo Universidade .Estes alunos veem de várias localidades da chamada Transamazônica no estado do Pará .E apesar de todos os percalços com estradas esburacadas , saudades da família , rompimentos afetivos por conta do sonho de ter uma licenciatura /curso superior em especial o público feminino as turmas de educação do campo apresentam laços de solidariedade e companheirismo que colaboram para que a desistência seja mínima .Talvez por conta dos mais de 45 dias juntos dividindo casas para poder estudar fortaleçam esta irmandade .Foi aplicado um questionário com alunas/mães para saber como se sentem diante deste cenário com suas crianças assim como foram ouvidos alguns alunos para saber como enxergam esta realidade materna em sala de aula .Os relatos são emocionantes além das imagens .

Palavras Chaves : Desafio , Maternidade , Educação

O presente relato ocorreu nas aulas da disciplina de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Pará - Campus Altamira com as turmas no quinto período organizadas em Códigos e Linguagens e Ciências da Natureza na cidade de Brasil Novo no estado do Pará. Observando é evidente o número considerável de mulheres nas turmas além de seus filhos pequenos que estão nas aulas com suas mães. Para compreender a dinâmica do Curso é necessário esclarecer como está estruturado.



As primeiras turmas de educação do campo iniciaram em 2013. O Curso funciona por meio da proposta metodológica da Alternância entre Tempo Universidade e Tempo Comunidade. Tem por objetivo promover a formação de docentes para trabalhar nas zonas rurais consequentemente em escolas do campo. A estrutura da alternância se assemelha as Casa Familiares Rurais -CFRs cujas atividades são realizadas em dois períodos: tempo universidade (TU) e tempo Comunidade (TC) esses dois tempos estão interligados, pois um depende do resultado do outro possibilitando ao acadêmico conhecimentos mais detalhado em relação a sua comunidade como afirma Araújo (2007, p.63):

Em relação à Pedagogia da Alternância, ficou evidenciada a valorização que lhe é atribuída, pois ela permite aos jovens que moram no campo combinar a formação escolar com as atividades desenvolvidas na propriedade familiar, sem se desligarem da família e da cultura do campo. A alternância entre o meio escolar assegura ao estudante a formação teórica e prática, o fazer e o pensar, ação-reflexão-ação..

No total são cinco tempos comunidades onde os acadêmicos investigam o território que estão inseridos, entrevistam moradores, visitam escolas, observam escolas e suas estruturas seja física seja documental e sugerem ações que podem auxiliar nas instituições escolares do campo, dialogam com autoridades e comunidades e estagiam nas mesmas. A estrutura do curso possibilita uma maior interação entre os professores da Universidade que se deslocam até as comunidades dos universitários. Nesta proposta a Universidade vai até os alunos. A Universidade em parceria com as prefeituras somam forças para que os alunos do campo tenham acesso ao ensino superior de qualidade. O curso de educação do campo atualmente possui dez turmas nas seguintes cidades: Altamira, Brasil Novo (duas turmas), Placas, Uruará, Anapu, Pacajá, Gurupá, Senador José Porfírio e Medicilândia. O tempo Universidade ocorre nos meses de janeiro a quinzena de março e de julho a quinzena de agosto nesta etapa acontecem as discussões dos textos assim como seminários de restituições dos dados aplicados no TC.

Esclarecido o funcionamento do curso retornaremos ao relato da presença das crianças nas aulas. Foram utilizados questionários com as alunas/mães além de depoimentos de outros alunos.

Em umas das discussões a cerca de acessibilidade e direito foi apresentado para as turmas a seguinte lei: A lei, de número 6.202/1975. De acordo com o texto, estudantes grávidas podem assistir aulas, realizar provas e cumprir outras atividades acadêmicas em casa a partir do oitavo mês de gestação. São três meses de dispensa para a mãe, que podem ser estendidos com atestado

médico. Esse tempo deve contar no currículo escolar, assim como as aulas em casa. Quando mencionada esta lei foi surpresa para muitas alunas que relataram casos de preconceitos sofridos por colegas da comunidade como no exemplo a seguir :

Eu sou Poliana , aluna da segunda turma de educação do campo , polo Brasil Novo e tenho 35 anos .tenho uma filha de oito anos e tenho uma perca de uma filha também nesta história.Eu quando perdi a minha filha , a minha primeira filha .Eu tive uma experiencia de uma colega minha que fazia faculdade em Altamira na UFPA e faltava 6 meses para ela terminar a faculdade dela , inclusive letras também .Ela chegou um dia na minha casa chorando e falou para mim que não podia ...ela ia perder a faculdade dela , ia perder os 4 anos por que ela tava com uma filha pequena , de 4 meses e a professora chegou pra ela e disse que ela não poderia mais levar aquela criança pra sala de aula .Assim , talvez tivesse atrapalhando .A professora chegou pra ela e pediu que ela não levasse mais e ela chegou pra mim e falou e eu falei assim pra ela :Daniele , por isso não , você não vai perder a sua faculdade e assim eu tava de resguardo , eu tinha feito uma parto cesariano só que não estava com a minha filha devido ela ter nascido e com uma hora e meia depois ela faleceu e ai eu tava assim com bastante leite nos peitos mas não tinha ...não tenho um bebê, né?E daí eu comecei a amamentar a filha dela durante esses seis meses .E ela conseguiu terminar a faculdade .

Assim como a história da amiga de Poliana encontramos vários casos a exemplo do relato da acadêmica na Universidade federal do Rio Grande do Sul como mostra a reportagem a seguir : "Eu cheguei na sala de mão com ela, e a professora já nos olhou, assim, desconfiada. E antes de me dar oi, ou qualquer coisa, ela já começou a me questionar se a minha filha ia entrar mesmo, se ela precisaria deixar mesmo a minha filha, assim, legalmente entrar. E eu indo em direção à cadeira, sentando, me organizando, e ela perguntando se eu não tinha creche pra deixar, se eu não tinha parente pra deixar, e eu só respondendo que não, até que ela me perguntou de novo: 'tu não tinha parente pra deixar mesmo?'" , conta a estudante. <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/04/mae-se-diz-constrangida-ao-levar-filha-aula-e-denuncia-professora-no-rs.html>

É como se ser mãe numa faculdade fosse algo errado. Todavia encontramos outros bons exemplos de solidariedade que se sobressai a ausência de sonoridade O bebê de uma das estudantes que frequentava a classe começou a chorar. Ao invés de deixar a moça se retirar, ele [que também é avô] não hesitou em pegar a criança no colo e tentar acalmá-la", contou a filha de Engelberg na legend... - Veja mais em <https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/05/12/professor-acalma-bebe-de-aluna-durante-a-aula-em-israel.htm?cmpid=copiaecola>
<https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/05/12/professor-acalma-bebe-de-aluna-durante-a-aula-em-israel.htm>



No curso de Educação do Campo não é diferente é perceptível o colocar-se no lugar da docente mãe que enfrenta uma série de obstáculos para estar em sala de aula como distância geográfica e o próprio local onde ocorre as aulas em alguns casos em escolas da prefeitura que carecem de ventiladores ou ar condicionado além de espaços adequados para realizar a troca de fraldas das crianças como bem atesta a legislação que trata de Acessibilidade , a lei 10098/00 Art. 1o Esta Lei estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação. Ou ainda o próprio Manual de Acessibilidade Escolar para a Escola traz considerações importantes sobre tal discussão como atesta Maria Teresa Egler Mantoan' a diferença das pessoas que deve vir primeiro, especialmente quando pensamos em ambientes acessíveis'.p9.

É evidente a falta de cumprimento das Diretrizes para uma Política Nacional para as Mulheres (2004) que estabeleceu cinco princípios gerais de igualdade de gênero, voltados para as mulheres, sendo eles: igualdade, autonomia das mulheres, estado laico, universalidade e participação. A aluna Renata dos Santos resume esta questão no seu relato: Apesar de todos acolherem as crianças, os espaços não estão preparados para receber mães com crianças pequenas .Precisamos entender que o contato da mãe com o filho é de fundamental importância para o desenvolvimento do filho e é injusto , segregante e penoso ter que escolher entre um avanço com o curso superior e a presença do filho perto da mãe .



Neste momento a mãe da pequenina estava em aula no meio de oficina.



Aluno auxiliando a pequenina a dormir



A filha desta aluna tinha apenas 45 dias de vida e já estava em sala de aula no tempo Universidade

No relato da docente Renata é evidente espaços de acolhimento as crianças como o acesso a creche ou espaços dentro da própria instituição que acolham as alunas/mães que são lactantes . A Universidade Federal do Pará (inaugurou em 2016) uma sala de amamentação para atender



estudantes de graduação e pós-graduação que estejam lactando. O projeto faz parte da política de permanência estudantil do ICED, que visa garantir condições de sucesso aos estudantes . Entretanto nos campi do interior da instituição este espaço ainda é inexistente .E quando se fala em creche a realidade não é nada positiva .Segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2002, apenas 25,2% do total de crianças com idade entre 0 e 6 anos frequentam uma instituição pública de Educação Infantil ou de Ensino Fundamental . Quando considerada a população de 4 a 6 anos, a taxa de frequência da instituição pública é de 48,5%; e, quanto a população de 0 a 3 anos, esse percentual é de apenas 6,1%. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/polinaci.pdf>

Na minha opinião a faculdade deveria pensar com carinho a respeito dessas situações , de repente criar um espaço para receber essas crianças pois as mães por mais que se esforcem não conseguem acompanhar com eficiência os trabalhos e acabam saindo prejudicadas .A verdade é que essas mães precisam muito estudarem e o motivo de trazerem as crianças nem sempre é por que elas querem , mas é por que não tem como quem deixá-los e acabam se desdobrando em vários momentos para permanecer estudando .(Aluno Josivan Costa)

Apesar de todos os percalços enfrentados pelas discentes as turmas de educação do campo são solidárias com a presença das crianças em sala de aula auxiliando as alunas no cuidado com as crianças .Este cuidado contribui para que as mesmas não se evadam ou abandonem o curso pois a evasão da acadêmica representa um sonho não realizado , uma grande frustração .

Conclusão

Nos relatos de algumas acadêmicas ficou evidente que os problemas enfrentados para estar em sala de aula estudando são variados são más que se amenizam quando existe uma teia de solidariedade entre os colegas de classe assim como a postura dos professores e professoras diante da presença das crianças em sala de aula .as alunas de educação do campo lidam com a saudade do seus familiares e comunidade pois por conta da distância geográfica enfrentada para estudar e do custo muitas vezes não é possível retornar todo final de semana para suas casas , tem a preocupação com os filhos pequenos ou ainda trazê-los por que as vezes não tem com quem deixar e muitas vezes o Estado não cumpre com suas obrigações .Apesar de tudo isto muitas não se evadem por que contam com o apoio seja dos colegas de classes seja dos professores como bem coloca a aluna Josiane Costa de Jesus “meus colegas mim dão total apoio , me ajudam em tudo o que eu preciso , desde um copo d água até mesmo cuidar da nenê para mim .teve dias que eu peguei na nenê somente na hora da entrada e da saída .Meus

colegas pegam , dão mamar, banham , trocam fraldas e até colocam para dormir , além de tudo me ajudarem com ela na hora das atividades do curso “.Nas turmas de educação do campo as crianças são responsabilidade de todos .

Fontes Bibliográficas

<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/1334-3798-1-PB.pdf> Acesso em 20 de julho de 2017.

<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128436/lei-6202-75> Acesso em 20 de julho de 2017

<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/04/mae-se-diz-constrangida-ao-levar-filha-aula-e-denuncia-professora-no-rs.html> Acesso em 20 de julho de 2017

<https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/05/12/professor-acalma-bebe-de-aluna-durante-a-aula-em-israel.htm> Acesso em 04 de agosto de 2017.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm Acesso em 30 de julho de 2017.

http://www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/41/docs/manual_escolas_-_deficientes.pdf.pdf

Acesso em 10 de agosto de 2017.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/polinaci.pdf> acesso em 2 de setembro de 2017.